REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO: EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DE MÚSICA NA PANDEMIA: NARRATIVAS SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS

Edilacir dos Santos Larruscain[1]
Ana Lúcia Louro[2]

Resumo: Este trabalho apresenta narrativas de seis docentes de música na perspectiva de suas atuações durante a pandemia do Coronavírus em 2020. Os relatos contam desafios e ações criadoras na docência com Música, em face das necessidades criadas pelo cancelamento das aulas presenciais. Para conter o esvaziamento dos grupos (bandas escolares e espaços privados) os professores relatam como aprenderam a tirar melhor proveito das ferramentas de comunicação e a recorrente solidariedade aos que têm dificuldades de acesso. Amparados em Josso (2007, 2010), dá-se ênfase às narrativas de vida como fonte e método de pesquisa em Educação para uma melhor compreensão das transformações de si em meio ao tecido social.

Palavras-chave: Narrativas; Professores de Música; Pandemia.

EXPERIENCES OF MUSIC TEACHERS IN THE PANDEMIC: NARRATIVES ABOUT PUBLIC AND PRIVATE SPACES

Abstract: This paper presents the narratives of six music teachers from the perspective of their performances during the Coronavirus pandemic in 2020. The stories tell challenges and creative actions in teaching with Music, in the face of the needs created by the cancellation of the classes in person. In order to contain the emptying of groups (school bands and private spaces) teachers report how they have learned to make better use of communication tools and the recurrent solidarity with those who have difficulties of access. Supported by Josso (2007, 2010), emphasis is given to life stories as a source and method of research in Education for a better understanding of the transformations of oneself in the midst of the social fabric.

Keywords: Narratives; Music Teachers; Pandemic.

Introdução/justificativa

Este trabalho é uma primeira aproximação de narrativas de professores de escolas de música, instrutores-regentes de bandas de música escolares, diretor de conservatório, conjunto e orquestra durante a pandemia do Coronavírus, em 2020. Viu-se uma transformação radical em todos os espaços de convivência social. Por serem muito afetados, as escolas e os espaços privados de aprendizagem musical procuraram as tecnologias de comunicação e inovações metodológicas para atender os estudantes. Em outras realidades, o isolamento foi inevitável devido às fortes desigualdades digitais.

[1] Professor da Universidade da Região da Campanha - Urcamp, Ensino Médio e curso de Direito; campus de Santana do Livramento - RS.
[2] Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Ppge - da Ufsm - Universidade Federal de Santa Maria. Líder do grupo de pesquisa Narramus - Narrativas em Educação Musical.

Edilacir dos Santos Larruscain; Ana Lúcia Louro. Experiências de professores de música na pandemia: narrativas sobre espaços públicos e privados. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-15, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

A escolha do tema deve-se, primeiramente, ao movimento emergente de revitalização das bandas de música e conjuntos musicais nas escolas brasileiras. Esta mudança vem acontecendo de forma mais distinta na última década em face da aplicação da lei 13.278/2016, que define que as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão componentes curriculares da Arte no currículo do Ensino Básico. O dilema em questão é saber quais alternativas os professores de Música encontraram durante este período para compensar o distanciamento com os alunos.

Recentemente, políticas governamentais como os programas Novo Mais Educação, Projeto Orquestras Estudantis e Escola de Tempo Integral, direcionaram recursos específicos para o trabalho com bandas e conjuntos de música na escola pública, mediante projetos de interesse de cada escola. Somente no Rio Grande do Sul, diversas escolas foram contempladas com instrumentos de bandas e orquestras, totalizando mais de R$ 1 milhão (RIO GRANDE DO SUL: 2020).

Os esforços para a implementação da lei 11.769/08, somados os incentivos dos programas governamentais de apoio à Educação Básica, representam o início tímido de consolidação da Música nas escolas. A despeito das dificuldades financeiras pontuais para grandes projetos, nota-se o interesse de gestores e professores para a formação de grupos musicais como diferencial de combate à evasão, à violência e a produção de mais alegria no ambiente escolar.

De modo inesperado, o cancelamento das atividades presenciais com a pandemia, em 2020, causou a necessidade de reinvenção das relações pedagógicas. O grande desafio da rede pública de ensino foi o de adotar formas de comunicação que atendessem o maior número de alunos e garantissem o mínimo de interação nas comunidades escolares. Atividades artísticas e corporais foram as mais desafiadoras e ainda encontram dificuldade de compartilhar conteúdo.

Para compreender as experiências de vida e docência como processos de formação e fonte de investigação científica, utilizaremos a pesquisa de natureza qualitativa e (auto)biográfica. Esta metodologia produz uma melhor reflexão acerca dos processos formativos que levam em conta a criação de novas formas, espaços e procedimentos da docência que, diante da complexidade do mundo, investem na transformação de si e do outro.

Neste estudo, quatro docentes da rede pública estadual, uma da rede federal e uma professora de conservatório narram experiências de aulas de música com o auxílio de tecnologias de comunicação. Foi utilizado um questionário simples enviado por aplicativo de mensagem e e-mails (5 participantes) e um questionário do Google Forms (1 participante). O reenvio das respostas foi conforme a preferência dos respondentes, ora por mensagens de texto, ora por arquivos de áudio. Dos depoimentos sobre o trabalho remoto, têm destaque as inovações e as principais dificuldades encontradas no manejo com as tecnologias.

Para Josso (2007), se de um lado existem os interesses e as lógicas individuais, por outro surgem as lógicas e as pressões coletivas. Surgem daí as potencialidades da pessoa e suas possibilidades de pertença simbólica. Concorda-se, portanto, que o caminhar da vida dos sujeitos faz com que a pessoa pense e aja conforme suas interações e ajustes em seu ambiente, seja de forma momentânea, ou de maneira duradoura.

As Narrativas Autobiográficas na pesquisa em educação

Na pesquisa qualitativa, um dos grandes desafios certificadores perante o mundo acadêmico é a escolha de metodologias para a aquisição de dados. Neste universo, está postulado que as pesquisas com narrativas precisam ter uma atenção maior quando se trata de justificação como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação (PASSEGI, NASCIMENTO e OLIVEIRA : 2016). A preocupação dos autores é com a complexidade dos processos epistemológicos, a ética na pesquisa e a participação mais ativa do pesquisador junto aos colaboradores.

A opção pela recolha de narrativas de instrutores de bandas e professores particulares de Música na acontecência da pandemia do Coronavírus, é favorecer uma pequena amostragem de como tais sujeitos lidam com a necessidade de transformação de si e dos alunos em meio às crises da vida cotidiana. Para Josso (2007), nos vários momentos de questionamento sobre sua existência, o ser humano tende a dar fruição a processos criadores para si e, sem embargo, para sua coletividade.

Desta forma, o estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem do sujeito em meio ao tecido da existência, leva à importância do conhecimento através da experiência. Na análise de Brockmeier e Harré (2003, p. 525), "o problema do entendimento dos padrões dinâmicos do comportamento humano parece estar mais próximo de uma solução através dos estudos das narrativas". Percebe-se que é este o momento vivido dos professores de música no qual, em um momento de crise, investem na busca de soluções para si face aos dilemas do cotidiano escolar.

Este estudo está, portanto, assentado na ideia de que o sujeito é constituído social e culturalmente, mas não perdendo a sua singularidade bio-psíquica. Para Abrahão (2003) as narrativas permitem tornar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes, referências "universalizadas" dentro dos processos de transformação de si, de acordo com o modo como nos são relatadas. No mesmo tom Abraão (id) defende que através da transversalidade do que os sujeitos narram de suas vidas privadas e profissionais, é possível conhecer outros horizontes teóricos, formativos e institucionais, presentes na vida dos colaboradores, e que indicam caminhos ainda não narrados no cenário da pesquisa.

A solidariedade para amenizar as desigualdades

A pandemia do Coronavírus (Covid -19) transformou o ano de 2020 em um tempo de necessidades e superações pessoais e coletivas. Na educação, o cancelamento das aulas presenciais colocou professores e alunos diante do dilema do isolamento social. No caso da escola pública brasileira, mostrou-se a face mais cruel da desigualdade em relação às redes privadas e seu público.

Para garantir o atendimento remoto, as redes de ensino viram-se diante de inúmeras dificuldades, tanto na docência quanto ao acesso dos alunos às ferramentas e meios de informação e comunicação. Aos professores, dificuldades com a aquisição e treinamento nos novos instrumentos de trabalho. Entre os alunos, uma parcela significativa não tem acesso a todas as possibilidades de conexão e informação.

Para os professores de música, as incertezas foram maiores uma vez que para os estudantes de bandas, conjuntos e escolas de música as formas de

aprendizagem são mais pela prática, por imitação e repetição. Percebeu-se a preocupação quanto à tendência ao esvaziamento progressivo dos seus grupos pela falta de interação e prática em tempo real, o que, segundo contam, prática esta que serve para conservar o ambiente pró-ativo com relação ao aprendizado.

Segundo o instrutor A.T., o impacto inicial do cancelamento presencial por pouco não foi uma sentença do fim da sua banda de música. O grupo tem 44 integrantes entre músicos, corpo coreográfico, guarda-bandeiras e pessoal de apoio. São egressos de uma banda tradicional de uma escola privada de Santana do Livramento – RS que encerrou suas atividades em 2004, e por isso não tem sede fixa em uma única escola, mas atende alunos das redes municipal e estadual. Para A.T., com a união e solidariedade de integrantes mais experientes, a interação foi possível e os alunos estão conseguindo ensaiar em casa, mediante empréstimo de instrumentos. Os contatos são via aplicativo de mensagens, onde são compartilhados pequenos vídeos explicativos e reenviadas as respostas dos alunos.

Conforme A.T., os instrumentos de sopro, por acumularem muita saliva, apresentam mais risco de contágio e por isso, não houve possibilidade de reuni-los pela falta de recursos para a aquisição de equipamentos de proteção individual. Outra solução foi o uso do programa Encore que, além de ser usado para produzir as partituras, reproduz a melodia produzida: “com ela consigo fazer com que o solfejo fique mais fácil, pois podem ouvir a partitura. As mídias só ajudam o trabalho que fazemos”, conta.

No entanto, a maior dificuldade é de que nem todos os alunos contam com acesso adequado à internet. A solução encontrada pelo professor foi contar com a solidariedade dos alunos doando celulares usados, ou cedendo dados da internet a colegas. Para ele,

> A maior satisfação, em todos estes anos, é contar com um grupo que é uma grande família; são como irmãos, tu nem imagina; quando menos a gente espera, surgem gestos de ajuda e irmandade, é quase uma religião, sabe? […] somos irmãos mesmo, ninguém passa necessidade, todo mundo se entende e não fica ninguém desamparado […] é emocionante, num momento como esses, a gente se sente feliz, mesmo estando longe […] é a música que nos traz felicidade, é divina.

Para o regente A.T., "a questão é mais do que música, é cidadania". Segundo ele, a rotina das bandas forma cidadãos no momento em que "valoriza os talentos, ensina valores, disciplina e dá oportunidade a muitos que vivem discriminados". Ainda mais, para ele, a banda de música ensina muitos alunos a valorizarem a escola e a formação para o mundo e para o trabalho, além de já haver formado muitos músicos e professores de música. "Os guris […], depois de fazerem parte da banda, melhoram seu comportamento e suas notas no colégio", anuncia o regente A.T.

Os processos formativos também são uma preocupação do regente A.T. Conforme A.T.:

> A continuidade das bandas depende da formação que daremos às novas gerações. Penso que, apesar de o governo propor a volta da música nas escolas, adquirir instrumentos e mandar aos diretores, ainda há muitas escolas que não tem gente pra levar o trabalho com as bandas. Vieram instrumentos, mas quem vai ensinar a tocar? E, não para por aí; ainda tem a dificuldade de avançar no que temos, porque poderiam ter cursos de aperfeiçoamento […] por exemplo, uma cooperação do Exército ou das universidades com a Seduc, pelo menos para os professores das bandas, coordenadores, etc.

Destarte, vê-se a presença das bandas escolares como um diferencial nas comunidades onde estão inseridas. Cislaghi (2011) avalia a pedagogia musical de três bandas de música escolares notando que os processos de ensino e aprendizagem de música variam significativamente conforme a abordagem realizada por cada professor em um mesmo grupo, o que demonstra uma "pluralidade de pedagogias" circulando entre os alunos. Müller (2003) apresenta as formas de apropriação de saberes musicais por parte dos alunos e suas traduções particulares, analisando uma "rede de produção de subjetividades" no processo pedagógico da música.

É de extrema relevância o trabalho de Souza e Silva (2011), no qual há uma apresentação objetiva de indicações para a organização de uma banda de música escolar, baseado em recorrências metodológicas contemporâneas e de modelos de bandas norte-americanas e europeias. A pesquisa de Lima (2005) apresenta análises das relações interpessoais presentes entre instituições sociais e agentes(sic) das bandas escolares, dentro de um estudo sociológico-musical das bandas, focado na estrutura, em ensaios e apresentações públicas.

Banda "online"

O segundo depoimento é de um instrutor de banda escolar, L.M., professor de Filosofia e ex-aluno da escola, um Instituto de Educação de Santana do Livramento – RS. A banda que rege não chegou a fazer ensaios presenciais, pois as atividades têm início no mês de abril, posterior ao começo do ano letivo. Quanto a isso, ele denomina "banda online" a forma de desempenho do grupo durante a pandemia.

O professor L.M. diz ter bom desempenho com as tecnologias da internet, porém, o mesmo não acontece com alguns de seus alunos. Segundo afirma, boa parte do grupo é constituída de alunos carentes, com dificuldade de conexão. Soma-se a isso à impossibilidade de ensaios via plataformas de vídeoconferência devido ao efeito *delay* que produz atraso nos sinais de som e imagem.

> Nós não estamos ensaiando geral nem online e nem presencialmente. A gente tem pessoas carentes, *né*, que não possuem redes que suportam […] um computador que possa, *né*, e os instrumentos de percussão ficam na escola. Combinado então quem está utilizando é o sopro. O sopro... ele *tá*! A gente procura alguma música para eles tocarem e peço que eles me devolvam pelo *watsapp* porque não tem outra plataforma mais eficiente que a gente possa usar.

Na tentativa de encontrar soluções para interagir com o grupo, L.M. disse que, em função das dificuldades gerais de acesso a solução mais urgente foi a intensificação do compartilhamento de exercícios e arranjos pelo aplicativo de mensagens. Mesmo antes da pandemia, a ferramenta era utilizada para a troca de informações e que com a pandemia se transformou em uma "banda online 24 horas". Ele fala da importância do incentivo da escola em ceder os instrumentos de sopro para os alunos ensaiarem em casa:

> Eu espero que os meus guris não estejam sem embocadura porque eles ganharam esse mimo [...] da escola de ficar com trompete em casa *né* que eles têm toda a responsabilidade de cuidado *né*. Aquilo tudo [...] é um material do público, *custam* caro [...] tem que ter cuidado e responsabilidade. Mas é importante que eles saibam cuidar do que no fundo é mesmo seu. É uma força para que eles sigam, não desistam, voltem com mais vontade ainda.

Sobre a volta ao presencial, L.M. espera que não demore muito, mas que seja seguro:

> Espero que voltem inteiros […] agora minha preocupação que nos demais é que a gente mantenha o vínculo *né* que era que como eu chamo daquela

> família, todos felizes, daquele local onde a gente estava quase todos os dias da semana, no ano todo passado e esse ano a gente não tem nenhuma possibilidade de começar que aliás eu acho que isso é uma característica de quase todas as bandas.

O professor aposta na coexistência das ferramentas digitais quando da volta ao presencial. Para ele, é fundamental o uso das tecnologias usadas no momento do distanciamento, especialmente para dinamizar o trabalho e melhorar ainda mais o repertório da banda. Para ele, a cultura dos jovens já está aliada ao uso das tecnologias de informação e comunicação, bem como das redes sociais.

As desigualdades

A impossibilidade de conexão da maioria dos integrantes de sua banda fez com que D.M., professora regente de um grupo de percussão de uma escola pública de Santana do Livramento – RS suspendesse os contatos com os integrantes. A escola está localizada na área central da cidade mas acolhe alunos carentes de comunidades carentes próximas ao lugar. Em sua maioria, são famílias de desempregados, autônomos e catadores.

Antes da pandemia, o grupo de percussão e escaletas produzia uma rotina de encontros que "ajudava a salvar vidas". Para ela, os alunos que frequentavam tinham na banda um momento de suspensão dos problemas com violência, drogas e a pobreza:

> A banda contribui para que o meu aluno sinta ser importante perante a sociedade; muitos dos meus alunos são crianças carentes e dentro da banda Integração tiveram até que enfim uma chance de serem vistos como pessoas […] a Banda ajuda as crianças a se integrarem na sociedade e a sociedade agradece, os pais especialmente *né*, por ter crianças fazendo algo sadio como tocar instrumentos na banda do que andar nas ruas aprendendo coisas erradas.

No entanto, com o isolamento social, a professora teme que seus alunos tenham mais necessidades do que antes. Entre os alunos, há casos de abandono, violência familiar, alcoolismo e drogas o que, para ela, "é [...] uma realidade que precisa de maior atenção da sociedade, das pessoas e do governo, em todas as áreas e mostra as desigualdades […] que se juntam na falta de qualidade de ensino durante a pandemia".

> Nesses 17 anos de experiência com Bandas Escolares já trabalhei com crianças com Síndrome de Down, autistas, outros gêneros […], como diz o nome da nossa banda, integração, numa forma de inclusão com todos os tipos de pessoas, […] se querem aprender musica serão sempre bem recebidos, mas nossos governantes precisam olhar melhor para as bandas de músicas das escolas, pois são espaços de formação de pessoas, de cidadãos com disciplina e um espaço para a alegria.

Para a professora, quando voltarem as aulas presenciais precisa-se refletir sobre as diferenças que existem entre as "diferentes educações dos mais privilegiados e dos pobres". Para ela, os governantes precisam investir na educação pública para diminuir as diferenças de condições e garantir que as crianças de hoje não passem as mesmas dificuldades que suas famílias.

Neste contexto, o trabalho de Campos (2008, p. 107) enfatiza a importância em considerar não apenas os aspectos ligados à prática musical, mas aos conhecimentos resultantes das relações de socialização, inclusive aqueles produzidos na escola – lugar onde as relações sociais e as práticas musicais se configuram de forma particular.

A narrativa de D.M. insere a música entre os principais dilemas da função da escola e seus currículos, no momento em que, em meio à crise sanitária, os desafios para adotar as tecnologias de informação e comunicação no ensino se mostram muito mais complexos e precisam ser pensados junto às metas de democratização na educação.

Possibilidades no ensino particular

Por sua vez, no plano privado, o ensino remoto aconteceu com maior facilidade. Conforme o relato de duas professoras de oficina privada de música, os estudos continuaram, graças ao uso de aplicativos e plataformas com adesão total dos alunos.

Na escola de música de G.R., os alunos aprendem violão, guitarra, contrabaixo e teclado. A maioria possui acesso às tecnologias de informação, o que segundo ela, propiciou o compartilhamento de material de estudo e encontros virtuais durante a pandemia. Ela usa aplicativo de mensagem para repassar documentos, arquivos de áudio e vídeo produzidos por ela mesma. Para os encontros virtuais, a plataforma Zoom.

Como material complementar, produz exercícios on-line em plataformas de *gamificação,* como o *Kahoot*. Segundo ela, com isso, os alunos estão sempre revisando o estudo e se mantêm mais atentos e atualizados para aprender coisas novas. Ela também compartilha vídeos do Youtube para reforçar o ensino do instrumento.

Desta forma, "garanti a permanência dos alunos", conta ela, diante da incerteza de alguns pais sobre a continuidade do investimento nas aulas de música durante a pandemia. Para atender alunos especiais, a pedido das famílias, ela apostou em aulas presenciais agendadas, individuais, com o distanciamento necessário e a utilização de equipamentos de proteção individual (máscaras, álcool em gel).

Comparando com a sua atividade na escola pública, G.R. entende que as diferenças são "abissais":

> Tenho um conjunto de música para os adolescentes de minha escola. No momento, tento manter a comunicação com eles, mas a situação é totalmente inversa ao que eu encontro com meus alunos privados. A escola pública vem enfrentando muitas dificuldades nos últimos anos, não há continuação dos projetos dos governos, um entra e desfaz tudo o que o outro fez. […] O que já estava difícil, ficou pior com a pandemia […] fico com pena de alguns alunos […] mandei mensagens mas não obtive resposta, sei que os pais não conseguem manter a internet deles. […] não é o mesmo trabalho que aqui, as diferenças são abissais, entende? Espero voltar logo para ver como estão e ajudá-los.

Para G.R. a crise de 2020 tornou ainda mais necessárias as políticas públicas eficazes no saneamento das escolas públicas brasileiras, "no sentido de pensar a partir das necessidades presentes nas falas de todos que ocupam seus recintos, especialmente os professores, para alcançar a cidadania".

Plataforma de uso acadêmico e o canto como cuidado de si

A quinta colaboradora é chamada de E.L., Licenciada em Música que ministra aulas de canto online a partir da plataforma de Música da Orquestra Sinfônica de Santa Maria – OSSM, usando a ferramenta Zoom. Este espaço foi criado durante a pandemia no mês de maio/2020 para atender a demanda da extensão universitária

da orquestra e para que os integrantes deem continuidade às aulas de seus instrumentos.

Neste trabalho, a comunidade é convidada a estudar Música (canto ou instrumento), mediante o pagamento das aulas cujos valores são repassados como ajuda de custo aos músicos. No caso das aulas de canto, a faixa etária é predominantemente de jovens e adultos que desejam melhorar sua *performance* através da técnica vocal.

E.L. diz que o planejamento das aulas online é muito semelhante com os das aulas presenciais. No entanto, ela relata uma diferença prática em relação às aulas de canto presenciais:

> […] Eu tenho percebido que a aula tem que ser mais dinâmica e ela acontece com mais informações; é bem diferente do tempo de uma aula presencial porque muitas vezes parece que eu preciso estar sempre ali, a todo momento, pra não deixar a distração pegar. Como não dá pra ensaiar em conjunto, [...], porque tem *delay,* existe mais a possibilidade de ensaio ou treinamento […] cada um vai cantar na sua hora *né* Não dá para fazer um uma música com mais pessoas a distância e aí tem que ter sempre uma atividade bem dinâmica e não muito longa pois o aluno tá em casa, pode se distrair mais facilmente.

A fim de garantir a atenção, a professora diz que em uma aula online de Música não pode haver silêncios, pausas. Na aula presencial, segundo ela, os silêncios são normais e servem para a reflexão de alguma parte do aprendizado. No entanto, pela plataforma precisa haver mais dinamismo.

Para o diagnóstico das aprendizagens, E.L. Pede aos alunos uma "lição de casa":

> Uma maneira que eu achei de fazer com que os alunos possam cantar e eu posso avaliar né, daí fazer as devidas correções é gravando trilhas no piano, seja dos aquecimentos seja do repertório, para os alunos reproduzirem lá onde eles estão, na casa deles. Acho que isso facilitou bastante pois presencialmente eu tocava e o aluno cantava junto, mas não dá mais para fazer isso, dá diferença, dá atraso, então as ferramentas têm ajudado muito […] também uso o WhatsApp para os recados e os links […] além do teclado, eu também o violão, o microfone condensador, os fones de ouvido, uma iluminação mais legal...

Em sua opinião, o fato das pessoas estarem procurando a arte durante a pandemia reforça a necessidade do ensino da Arte na escola.

> Nas minhas aulas, é o momento que elas muito relatam […] o pessoal ali dos 30 anos né, tá casada, tem filhos, enfim, trabalha bastante... já relatou para mim que o momento da aula de canto é um momento de autocuidado, porque a pessoa já canta em casa, o filho faz aula de música, o marido toca

> violão e ela nunca teve a oportunidade e ficou encantada. Então agora ela para pra cuidar dela mesma […] mas é algo que se repete, essa sensação de que a aula de música é um investimento para si mesmo, isso tem se tornado assim, bem recorrente nas minhas aulas, eu acho isso maravilhoso! Nem todos os meus alunos vão necessariamente […] se tornar grandes cantores mas eu mostrando as minhas aulas que canto é uma exigência de auto cuidado e autodisciplina acho que ajuda muito.

Neste contexto, visualiza-se a convivência da diversidade de motivações para o ensino de Música especialmente desvendados na pandemia. Percebe-se a importância do estudo musical como forma de aprimoramento e cuidado individuais, muito presentes nas reflexões e estudos sobre a relevância das experiências com arte na contemporaneidade.

Inovações na prática conservatorial

Neste trabalho foi ouvida uma professora que é proprietária e professora de piano e teclado em um conservatório de música. Diferente de outros espaços de ensino, os conservatórios possuem uma pedagogia tradicional centrada na erudição. A prática conservatorial segundo Pereira (2014), "faz com que a música erudita figure como conhecimento legítimo e como parâmetro de estruturação das disciplinas e de hierarquização dos capitais culturais em disputa". Ali está em evidência a forma ocidental do fazer musical, como a rigidez matemática, a notação musical e o aprendizado visual mais do que o auditivo.

Para a professora R.V., a adaptação às novas tecnologias foi fácil. Com quase 100 alunos, em seu conservatório utilizou-se inicialmente a plataforma Google Meet para aulas de piano, teclado e violão. Segundo ela, "o dispositivo é ruim, não tem como corrigir, mas os alunos, em geral, tinham boas condições de conexão [...] daí foi acontecendo naturalmente". Após os primeiros meses, o ensino *online* foi dando lugar ao ensino híbrido, alternando aulas pela plataforma e encontros presenciais com distanciamento e normas sanitárias recomendadas (álcool em gel, verificação da temperatura, turmas reduzidas, entre outras)

O que ela traz como novidade é o despertar para outras leituras das peças estudadas pelos alunos. As plataformas de áudio e vídeo usadas como complemento das aulas online, segundo ela, aproximaram os alunos das obras eruditas e trouxeram outras traduções de composições populares para o formato de

conservatório. O uso de *lives* em plataformas digitais também foi bastante usado para substituir as tradicionais audições3.

Segundo a professora R.V., a transformação do ensino com as formas digitais foi necessária e representa uma "reinvenção" do conservatório. Para ela, muitas ferramentas usadas durante a pandemia vão permanecer no ensino de música e os alunos tiveram a oportunidade de conhecer mais recursos para estudar, escrever e compor músicas. Para ela:

> Acredito que o ensino de música deve ser presencial, pois é imprescindível o contato aluno, professor. Mas também acho que a pandemia ajudou a professores de música, não todos, a se adequarem e aprenderem esse novo sistema online. É como se dessem um *start* nessa questão. Isso a médio prazo pode ajudar muito na evolução das aulas, e romper barreiras, de forma mais fácil aos professores, [...] a pandemia quase obrigou as pessoas a conhecerem o ensino EAD e tornou as aulas mais do conservatório mais atrativas, além do que evitamos de perder alunos.

Através do exemplo, pode-se deduzir que as ferramentas digitais tiveram a adesão de professores e alunos de música possibilitando a continuidade das relações pedagógico-musicais. A inovação por força da necessidade fez construir práticas que devem ser usadas permanentemente, como os aplicativos e plataformas de videoconferência.

Por outro lado, é preciso pensar em atender uma parcela significativa de alunos que não tem acesso às necessidades básicas e, consequentemente, ficaram de fora do processo de ensino digital durante a pandemia.

Considerações finais

Os recortes de narrativas dos professores descortinam o que se tem sabido sobre a realidade da maioria das escolas brasileiras. Destaca-se dois dilemas: de um lado, existem desigualdades históricas acerca do acesso à qualidade de ensino, por outro, a valorização da Música nos currículos escolares ainda tem um longo caminho a percorrer. Com o cancelamento dos encontros presenciais, observam-se as disparidades históricas entre os modelos de educação público e privado.

3 Apresentações ao vivo de alunos e professores à comunidade.

A pandemia engendrou a inovação e a transformação de práticas de ensino ao mesmo tempo em que disponibilizou ferramentas que se tornarão permanentes nas aulas de música. A cultura digital já é integrante da vida contemporânea, e as narrativas de professores mostram possibilidades de isolamento social com criatividade e descobertas pessoais para a população privilegiada.

Sobre os procedimentos metodológicos deste trabalho, aponta-se que as narrativas de experiência e formação ajudam o sujeito a refletir sobre a importância dos acontecimentos e a tomada de decisão diante das dificuldades elementares e suplementares da existência.

Entende-se que o uso de narrativas na pesquisa conduz a um melhor entendimento do que nos constitui como indivíduo na relação singular-plural, ou seja: que as transformações de si acontecem através das experiências, memórias e auto narrativas de momentos expressivos em contextos culturais diversos.

Referências:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica.* História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14. p. 79-95, 2003.

BROCKMEIER, J., & HARRÉ, R. (2003). *Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo.* Psicologia: Reflexão e Crítica, 16 (3), 525-535.

CISLAGHI, Mauro César. *A educação musical no Projeto de Bandas e Fanfarras de são José (SC): três estudos de caso.* Revista da Abem. Londrina. v.19. n.25. p. 63-75. jan.jun 2011.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida***.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. 2ª ed. rev. e ampl. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Natal: EDUFRN; São Paulo, Paulus, 2010.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda estudantil em um toque além da música.* Tese de doutorado. UNICAMP/IA, Campinas, (SP), 2005.

MÜLLER, Vânia Beatriz. A subjetivação em vivências musicais: um processo pedagógico. *Revista Educação.* Vol. 28. Nº 2. Ufsm. 2003.

PASSEGGI, NASCIMENTO & OLIVEIRA: As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa. *Revista Lusófona de Educação,* 33, 111-125; 2016.

PLANALTO*. Lei 13278 /2016***.** Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.

RIO GRANDE DO SUL. *Governo do Estado entrega instrumentos para orquestras escolares.* Disponível em: https://www.estado.rs.gov.br/governo-do-estado-entrega-instrumentos-para-orquestras-escolares Acessado em: 07/09/2020.

SOUZA, David Pereira de; SILVA, Lélio Eduardo Alves da. Prática em banda de música escolar. *Anais* do XX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM. Vitória. 2011.